

A RACIONALIDADE NEOLIBERAL E A FORMA DE GESTÃO DA BIOPOLÍTICA: o processo de *uberização* das condições de trabalho nas cidades na era do capitalismo de vigilância

THE NEOLIBERAL RATIONALITY AND BIOPOLITICS'S FORM OF GOVERNMENT: the process of *uberization* of work conditions in cities in the age of surveillance capitalism

Diego de Freitas Ungari ¹

Rafael Marcurio da Cól²

RESUMO: A partir das discussões de racionalidade neoliberal e de gestão da biopolítica de Michel Foucault encontrados, principalmente, nos cursos *O nascimento da Biopolítica* (2008a) e *Segurança, Território e População* (2008b), pretendemos, a partir deste artigo, i) apresentar as definições dos conceitos de racionalidade neoliberal e de biopolítica; ii) delinear os desdobramentos destes conceitos a partir da contemporaneidade no chamado capitalismo de vigilância e iii) analisar os estabelecimentos destas noções por meio do processo de *uberização* do sistema de trabalho nas cidades e das tecnopolíticas. Neste artigo, pretendemos contribuir para a área dos estudos discursivos foucaultianos ao analisar o depoimento do líder do movimento *Breque dos Apps* (2020), Paulo Galo, em entrevista à Gama Revista (2021), na qual relata as formas de trabalho estabelecidas. O artigo parte do método arqueogenealógico de Michel Foucault para demonstrarmos, a partir destas falas, as reconfigurações do sistema capitalista ao ser somado à racionalidade neoliberal e a uma forma de controle dos corpos por meio das novas tecnologias e dos algoritmos, focalizando os riscos e as perdas de direitos da classe trabalhadora.

PALAVRAS-CHAVE: Racionalidade Neoliberal. Biopolítica. *Uberização*. Tecnopolíticas. Capitalismo de Vigilância.

ABSTRACT: Based on Michel Foucault's theories about neoliberal rationality and the management of biopolitics found mainly in *The Birth of Biopolitics* (2008a) and *Security, Territory, Population* (2008b), we aim, with this article: i) to establish a definition of neoliberal rationality and biopolitics; ii) to outline the developments of these concepts of in present days, the age of surveillance capitalism; iii) to analyze the establishing of these concepts through the process of *uberization* of work conditions in cities and through technopolitics. With this article, we intend to contribute to Foucaultian discursive with an analysis of a statement from Paulo Galo, the leader of the *Breque dos Apps* (the Apps' Strike) movement (2020), interviewed by Gama Magazine (2021), in which he comments current work conditions. The article is based on Michel Foucault's archeogenealogical method in order to demonstrate, in Galo's words, the reconfiguration of capitalism added to neoliberal rationality and the control of bodies through new technologies and algorithms, focusing on the risks and losses of rights for the working classes.

KEYWORDS: Neoliberal rationality. Biopolitics. *Uberization*. Technopolitics. Surveillance Capitalism.

1 Introdução

Em 25 e julho de 2020, um grupo de trabalhadores de aplicativos, principalmente moto entregadores, ou entregadores *delivery*, liderados por Paulo Roberto da Silva Lima, conhecido como Paulo Galo, se sublevaram às formas de conduta tecnopolíticas instauradas

¹Doutorando do programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP/Mariana-MG. E-mail: diego.ungari@aluno.ufop.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5405-2186>.

²Doutor pelo programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp/Araraquara - SP. E-mail: rafaeldacol@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2839-7524>.

nesta modalidade. Reivindicavam, com isso, mais direitos e melhores condições de trabalho, ressaltando a diferença entre empreender e ter a sua força de trabalho explorada por essas novas formas de produção capitalistas, que levam o neoliberalismo a novos contornos. Assim, estas novas fronteiras estabelecidas por estes poderes e a massiva onda de desemprego fazem com que os trabalhadores se vejam submetidos a novas formas de exploração do trabalho. Após cerca de um ano desta manifestação, Galo dá uma entrevista na qual expõe as condições que os entregadores ainda vivenciam, que são o foco de discussão deste artigo.

Esta entrevista será objeto de pesquisas ancoradas nas reflexões sobre a racionalidade neoliberal e a biopolítica desenvolvidas por Michel Foucault, principalmente, nos cursos *O nascimento da Biopolítica* (2008a) e *Segurança, território e população* (2008b). Pretendemos, desta maneira, com este artigo: i) apresentar as definições dos conceitos de racionalidade neoliberal e de biopolítica; ii) delinear os desdobramentos destes conceitos a partir da contemporaneidade no chamado capitalismo de vigilância e iii) analisar os estabelecimentos destas noções por meio do processo de uberização do sistema de trabalho nas cidades e das tecnopolíticas.

Esta pesquisa faz parte do campo de Estudos Discursivos Foucaultianos, o qual tem como base não apenas as formas como o autor francês aborda determinadas temáticas, mas, sobretudo, a utilização metodológica de uma análise dos discursos por um viés arqueogenealógico (GREGOLIN, 2006, 2016; NAVARRO, 2020). Sua metodologia tem como foco estabelecer, a partir de uma rede de acontecimentos, com suas (des)continuidades, as condições de possibilidade para que estes enunciados emergjam neste momento histórico e não em outros, e assim, compreendermos melhor, a partir destas reflexões, “quem somos nós hoje”. A reflexão sobre a uberização delinea novas formas de condução do sistema capitalista que devem ser selecionadas, segmentadas, descritas e analisadas a partir deste embasamento teórico-metodológico.

Este artigo está subdividido em quatro partes, as quais contam com a introdução, que apresentamos novos contornos da uberização no capitalismo de vigilância. A segunda parte é intitulada, “A emergência histórica do neoliberalismo”, em que nos propomos uma breve contextualização desta noção sob uma perspectiva histórica e seus desenvolvimentos atuais. Na terceira parte, intitulada “Capital humano: o trabalhador meritocrático uberizado ou/e a extrema vigilância do empreendedor de si foucaultiano”, analisamos as falas de Galo sobre as formas e condutas de trabalho às quais estes trabalhadores são submetidos pelos aplicativos e, por fim, a conclusão na qual retomamos pontos essenciais para se pensar nas transformações do capitalismo em um mundo comandado por algoritmos.

2 A emergência histórica do neoliberalismo

A emergência do que podemos denominar “proto-neoliberalismo” data, segundo Christian Lynch (2021), de uma obra altamente influenciada pela *Origem das Espécies* de Charles Darwin e escrita por Herbert Spencer, por volta de 1880. Nela, Spencer defendia que apenas *o ser humano mais apto poderia sobreviver*. Diferentemente do que muitos podem pensar, essa não foi uma expressão original da obra de Darwin, mas uma forma encontrada pelo seu coetâneo Spencer de condensar as ideias do biólogo aventureiro do Beagle em uma “lei” social. O autor defendia que as sociedades, assim como os grupos animais, funcionariam através da competição de todos contra todos. Assim, a lógica da guerra civil já começava a se desenhar (DARDOT et al., 2020), com a competição sendo a fórmula mais adequada para fazer uma purificação racial por meio da aniquilação dos indivíduos mais fracos, velhos e doentes, funcionando tantos nas sociedades animais quanto nas humanas. Em resumo, a teoria da competição de Spencer,

somada às suas apropriações e reinterpretações, sem dúvida traz um vício de origem, ou em termos foucaultianos, poderíamos dizer, um vício genealógico para o neoliberalismo.

Para pesquisadores como Wendy Brown (2019a), Pierre Dardot e Christian Laval (2016), um encontro pode ser compreendido como a pedra angular dessa cisão entre o velho e o novo liberalismo. Trata-se do Colóquio Walter Lippman, ocorrido em 1938, em Paris. Nesse encontro, muitos nomes, à época críticos mordazes do keynesianismo, do socialismo ou mesmo de políticas da social-democracia, se reuniram para propor uma espécie de refundação do liberalismo. Essa iniciativa propunha um novo liberalismo, por esse motivo, um neoliberalismo (neo=prefixo usual para se referir a algo novo ou a uma novidade). Desse modo, diferentemente do que apontam seus críticos é, sim, possível falarmos em neoliberalismo, já que esse termo foi usado nesse encontro pelos próprios pesquisadores liberais.

Dessa maneira, a racionalidade neoliberal, em linhas gerais, compreende e designa a capacidade de (re)produzir subjetividades empreendedoras de si em um mercado que abarca todas as esferas da vida, entendidas como meros capitais humanos, ou seja, o neoliberalismo. É importante dizer que isso se dá através da condução de condutas e de determinada forma de governo que tem na Economia sua fundamentação. Esses autores partem de um olhar para o neoliberalismo ao perceberem como essa racionalidade esteve e está cada vez mais entranhada nas sociedades ocidentais, principalmente, com as experiências reais a partir da década de 60 e 70 do século XX, nos EUA e no Reino Unido com Donald Reagan e Margareth Thatcher.

Segundo Barbara Stiegler (2019), Walter Lippman, - sim, aquele que deu nome ao encontro já tratado aqui - foi um importante pesquisador que deu as bases do que viria a ser o neoliberalismo de Chicago. O autor defendia que estamos sempre atrasados, o ser humano nunca alcança o seu pleno desenvolvimento, e por essa razão, há sempre um amplo caminho para a *adaptação*. Segundo a autora, o neoliberalismo promoveu uma espécie de cooptação de conceitos que primeiramente emergiram na Biologia e os colocou em marcha dentro de uma ótica economizante neoliberal, e isso não deve ser visto como uma novidade, mas como sua construção genealógica. É perceptível, por exemplo, através de conceitos que subjetivam os trabalhadores no século XXI com ideias como *adaptação*, *evolução*, *seleção*, presentes tanto em estudos dos saberes biológicos quanto nos recursos humanos (RH) de qualquer grande empresa hoje.

Por isso, para a autora, a racionalidade neoliberal mais do que produzir condutas, formas de governo e economização de todas as esferas da vida, teria por função produzir a pronta adaptação da espécie humana para processos que futuramente seriam implementados para se atingir a globalização. Nesse sentido, como seu próprio ensaio sugere, trata-se de um imperativo político do neoliberalismo: *adaptar-se ou perecer*. Além disso, talvez hoje possamos estender esse entendimento para as formas biopolíticas de como se (auto)governa o trabalhador precarizado e uberizado, mas que se entende, em contrapartida, como um desses empresários de si discutidos por Foucault (2008b, p. 311).

Essa emergência do “novo” liberalismo esteve altamente atrelada às ideias de Darwin em *A Origem das Espécies*, tendo sido justamente a leitura da obra, vinculada a outras leituras de contratualistas liberais sobre como os nossos interesses nos movem, e a vontade de se opor a ideias de democratização e sufrágio universal, que levaram Spencer a dizer que as sociedades humanas funcionariam através da competição. É importante pontuar que essa mesma lógica é retomada por Lippman anos mais tarde para o que viria ser o fio genealógico de construção do neoliberalismo da Escola Econômica de Chicago. Esse é o mesmo entendimento que reina entre os neoliberais até os dias atuais - com a substituição das sociedades pela competição via mercados.

Em resumo, estamos diante do funcionamento de uma racionalidade que busca a todo momento uma forma de subjetivação tanto de um empresário de si, como entende Foucault, mas também de uma espécie humana que nunca está plenamente adaptada, segundo Stiegler (2019) – e talvez nunca estará – e este é um aspecto fundacional do neoliberalismo. Por isso, deve estar o tempo todo buscando aprimoramento para sua incompleta adaptação, e entende cada indivíduo em sociedade como competidores e empresários dispostos em um campo de lutas selvático de enfrentamentos pela própria sobrevivência.

2.1 Michel Foucault, ordoliberalis e a emergência histórica do Estado que governa vidas

Para compreendermos como essa ideia de competição de Spencer e outras ideias e teorias foram dando forma ao que entendemos por neoliberalismo historicamente, é necessário compreendermos que mesmo o neoliberalismo não emergiu de um mesmo tronco comum. Isto pois, este fora gestado principalmente através de dois movimentos. O primeiro foi formado pelos ordoliberais alemães, que viam a sociedade como uma forma de criação e solidificação dos mercados e de construção do caráter e da moral humana, ao passo que o segundo movimento achava que pensar no social e na sociedade seria incorrer em um falso problema, sendo este o neoliberalismo estadunidense da Escola de Chicago. Nesse sentido, daremos especial ênfase aos primeiros, pois como bem nos explica Laval e Dardot em seu livro *Nova Razão do Mundo* (2016), esse ramo do neoliberalismo é o responsável por produzir aquilo que Foucault denominará de políticas de governo, assim como de formas de governar populações que iriam de indivíduos (governo de si) a grupos (governo dos outros).

O momento histórico vivido pela Alemanha era o fim do nazismo; os liberais alemães ou ordoliberais, em seus diferentes matizes, promoviam debates de como serem um contraponto ao nazismo que acabara de ruir. Tendo como questão fundamental a que buscavam responder: “Como agir para refundar uma ordem social liberal depois dos erros do estadismo totalitário?” (DARDOT; LAVAL 2016, p. 101). Nesse aspecto, vão dizer que esse tipo de entendimento tanto da economia quanto da sociedade levado a cabo pelos nazistas só pode funcionar por meio de um Estado que buscou dominar totalmente a sociedade através de uma forma de governo, em que cada indivíduo é instado a obedecer. Por isso, para os ordoliberais, a chamada economia de mercado, seria uma maneira de barrar que Estados tirânicos usem do seu poder coercitivo contra os indivíduos de seu próprio país, entendendo o princípio da livre escolha como um antídoto para novos arroubos como dos nazistas.

Segundo esses autores, historicamente, teria havido processos que acabaram por destruir e desmembrar a ideia de comunidade, certamente estando nessa conta o nazismo. O objetivo desse grupo era encontrar meios de uni-los novamente. Para isso, acreditavam que seria papel do Estado gerir essas formas de consolidação dos laços sociais com suas comunidades de origem, assim como deveria ser esse mesmo Estado aquele que deveria ser o responsável pela concorrência via mercados.

Por sua vez, a ideia que esses economistas tinham para a questão social tinha três principais frentes de ação governamental: *descentralização, proletarização e desurbanização*. Segundo Dardot e Laval (2016) essas três frentes teriam por função produzir pequenas unidades familiares de produção e habitação agrícolas, independentes e competitivas entre si. Nessa perspectiva, essas propriedades coletivistas dariam aos indivíduos, muitos deles despossuídos, a possibilidade de inserção profissional e trabalhista - que no futuro lhes garantisse dignidade e

independência do Estado. Estes economistas do ordoliberalismo acreditavam que se todos tivessem uma propriedade pela qual lutar, isso faria com que entendessem a importância da propriedade privada. Com isso, na ponta cada indivíduo/família se entenderia como pequenas empresas, que competiriam entre si, e uma vez proletarizados, conseguindo manter seu próprio sustento, recorreriam o mínimo possível ao Estado para buscarem auxílio.

Todo esse debate sobre os ordoliberais proposto como solução tanto para a produção de diques morais, quanto o que futuramente seria entendido por Michel Foucault como empreendedores de si já deixava sobre os ombros dos trabalhadores toda a responsabilização de produzir e de sobreviver, questão que ainda continua a funcionar para as discussões meritocráticas e do “empresário de si” nos dias de hoje. Isso se aplica, em especial, para o caso dos trabalhadores de aplicativos de *delivery*, que é o foco deste artigo.

Essas discussões dos ordoliberais foram importantes para compreendermos que essa ideia de que o Estado deve intervir na vida das populações teve grande importância para aquilo que, mais tarde, Michel Foucault (2008a, 2008b) denominará governamentalidade neoliberal, principalmente no que diz respeito à auto-organização da vida dos indivíduos e de suas famílias, através de dispositivos biopolíticos de vigilância e (auto)controle. Foucault entende por biopolítica o “conjunto de mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai entrar na política como uma estratégia geral de poder” (2008a, p. 04).

Em resumo, como dizem Dardot e Laval (2016), as contribuições do ordoliberalismo para o neoliberalismo contemporâneo, por assim dizer, foram principalmente duas: a primeira, a concorrência como norma e política de governo, e a segunda, o indivíduo como foco do governo de si e de suas condutas.

Foucault, ao se debruçar sobre esses economistas e fisiocratas, se dá conta dessa relação, e é então que busca, através de seus cursos no *Collège de France*, trazer a questão à tona. Em linhas gerais, Foucault busca, com esses cursos, compreender quando e como emerge a noção de Estado Moderno historicamente, bem como em que momento passamos a ser governados. Em outras palavras, de *onde parte essa ideia de que se pode governar grupos, nações, territórios, saberes*, e como esse governo foi operacionalizado através da emergência do conceito de *população*? Este, por sua vez, passa a exercer um tipo de poder específico sobre essas populações para a manutenção de suas vidas e mortes, ao que mais tarde Foucault dará o nome de *biopoderes*. Este será exercido através de dispositivos biopolíticos de segurança e do policiamento de suas condutas e das condutas dos demais. Ou, nas palavras do autor:

Concretamente, esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais [...] o primeiro a ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade [...] assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-política do corpo humano. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica da população. (FOUCAULT, 2012, p. 151-152)

Outro conceito que antecedeu o primeiro e permitiu a Foucault discutir essa individualização do cuidado e da vigilância centra-se no poder pastoral, ou seja, essa ideia de estar o tempo todo preocupado com o todo, mas também com cada indivíduo que compõe o rebanho, aquilo que Foucault denomina de um *paradoxo do rebanho* (2008b, p. 204). Constitui-se, desta maneira, o grande problema enfrentado tanto pelas técnicas de poder no pastorado cristão quanto por aquele que podemos chamar de desenvolvimento e aprofundamento do poder pastoral moderno, que se deu através de uma pulverização das técnicas de governo sobre o cuidado, a vigilância, bem como sobre a vida e a morte, as biopolíticas.

A partir desse breve apanhado das discussões presentes nos cursos do *Collège de France*, foi possível retomar os conceitos foucaultianos de biopolítica e biopoder, e assim, começar a relacioná-los com as discussões atuais das tecnopolíticas, da modulação de comportamentos e de como funcionam em um capitalismo de vigilância, bem como as formas como esse mesmo capitalismo busca gerir os trabalhadores ditos uberizados.

2.2 Três autoras identificam e organizam a racionalidade neoliberal hoje: Brown, Stiegler e Zuboff

Discutiremos, a partir de Brown (2019a, 2019b), como a própria concepção de sociedade e os indivíduos perdem sua capacidade política e social de organização. A partir desse processo de *neoliberalização* dos conceitos ou de *economização das várias esferas do Estado*, o conceito de liberdade torna-se meramente o direito de empreender e a igualdade cede lugar a discursos de competição que subjetivam a todos como vencedores e perdedores. Outra importante pesquisadora é Stiegler (2019), que toca no papel do neoliberalismo na criação de um ser humano altamente adaptável; imagina-se que a globalização sonhada há muitos anos só seria acessível com o advento desse novo ser humano. Por fim, mas não menos importante, temos os recentes estudos de Zuboff (2019, 2021) e do que ela denominou de capitalismo de vigilância. Importante pontuar que ainda que Zuboff não parta dos estudos foucaultianos, a autora estadunidense de fato investiga uma nova fronteira do poder, bem como que seu conceito de *capitalismo de vigilância* não é diverso do neoliberalismo foucaultiano, mas um possível aperfeiçoamento dele. Para a autora, capitalismo de vigilância é:

Essa nova forma de capitalismo da informação procura prever e modificar o comportamento humano como meio de produzir receitas e controle de mercado. O capitalismo de vigilância se formou gradualmente durante a última década, incorporando novas políticas e relações sociais que ainda não haviam sido bem delineadas ou teorizadas. Mesmo que o *big data* possa ser configurado para outros usos, estes não apagam suas origens em um projeto de extração fundado na indiferença formal em relação às populações que conformam tanto sua fonte dados quanto seus alvos finais. (ZUBOFF, 2019, p. 18)

Da mesma maneira, Zuboff (2019), reiteradas vezes ao longo do artigo, usará conceitos da biologia e do (neo)liberalismo para explicar como os capitalistas de vigilância sustentam as produções de subjetividades através da extração de seus dados e da modulação de seus comportamentos, dentro e fora das redes. Por modulação de comportamentos a autora estadunidense entende:

[...] um ubíquo regime institucional em rede que registra, modifica e mercantiliza a experiência cotidiana, desde o uso de um eletrodoméstico até seus próprios corpos, da comunicação ao pensamento, tudo com vista a estabelecer novos caminhos para a monetização e o lucro. (ZUBOFF, 2019, p. 43-44)

A autora lança mão de conceitos como *habitat*, *natureza*, *populações*, *adaptações*, *território* e um sem-número de outros conceitos, que, por muito tempo, estiveram no referencial mental e teórico dos saberes biológicos. Dessa feita, partindo da leitura da autora, é possível identificar como desde o *homo oeconomicus* o *interesse* é tomado como a matriz humana que nos move. Sem dúvida, essa mesma lógica que continua a valer para o capitalismo de vigilância e para as respectivas empresas de tecnologia e os aplicativos, assim como a ideia de modulação de comportamentos, se coaduna com as formas de condução de nossas condutas no espaço heterotópico e heterocrônico das redes (GREGOLIN, 2015).

Desse modo, pensamos que urge que os estudos dessas três autoras fundamentais se encontrem. Segundo nosso entendimento, elas têm em comum discussões necessárias sobre uma ontologia do nosso presente. Referimo-nos aos estudos de Brown (2019a, 2019b) e Stiegler (2019), responsáveis por dar outros entendimentos as discussões sobre a racionalidade neoliberal, e a Zuboff (2019, 2021), por seu conceito de capitalismo de vigilância, que coloca uma nova fronteira para a ação desse poder microfísico e tecnopolítico nas redes para a condução de nossas condutas através da modulação e da predição de nossos comportamentos. Por tecnopolíticas, o grupo de pesquisa e estudos LAVITS (Rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância), da qual a autora faz parte, entende: “Tanto o desenvolvimento de novas formas de vigilância e controle quanto a experimentação de resistências e subversões que dialogam com elas formam aquilo que chamamos de tecnopolíticas” (BRUNO et al. 2019, p. 07).

Pudemos, neste sentido, demonstrar como é possível compreender esses estudos e discussões de forma a complementar o argumento de cada uma delas, com o objetivo de, finalmente, mostrar como o neoliberalismo no século XXI não precisa mais de populações e territórios delimitados, tendo na vigilância seu aspecto mais amplo e irrestrito, de uma forma que quicá Foucault jamais teria suposto ser possível, ainda que as ideias de Deleuze (1992) de uma sociedade de controle, partindo dos estudos foucaultianos, já apontassem que uma sociedade disciplinar passaria a ser ainda mais controlada com o avançar das eras e das tecnologias.

Dito isso, nos opomos a conclusão de Brown (2019a) de que estejamos vivendo a queda ou a ruína do neoliberalismo, para fazer referência ao título de sua obra. Não parece plenamente observável, ao menos não no caso de um país colonizado como o Brasil. Além do que, muitos dos aspectos originalmente utilizados pelos liberais em um primeiro momento e mais tarde pelos neoliberais, ainda funcionam no capitalismo de vigilância. A exemplo: a ideia de população, de condução de condutas e de produção de um novo ser humano adaptado, debate que, infelizmente não é levado em conta pela autora e talvez, por isso, vaticine a ruína do neoliberalismo sem perceber que ele se transformou e agora funciona também no mundo virtual, com implicações no “mundo real”, e se exerce por meio das plataformas e aplicativos.

3 Capital humano: o trabalhador meritocrático *uberizado* ou a extrema vigilância do empreendedor de si foucaultiano

Nesse momento, é importante lançar mão de construir o conceito de capital humano para podermos pensá-lo conjuntamente das concepções de *uberização* e de capitalismo de vigilância. Por teoria do capital humano, entende-se um conceito gerado no bojo das teorias dos *Chicago Boys* e defendida principalmente por dois economistas, Theodore Schults e Gary Becker. Ela consistiria em uma maneira de monetarizar e tornar capitalizáveis também os indivíduos e suas ações e escolhas. Desse modo, tudo o que investimos em nós mesmos ou em nossos filhos pode ser somado ao capital humano que estamos formando para o futuro: boa educação, boa saúde física e mental, boa alimentação, casar-se bem e com alguém de capital humano compatível ao seu, entre outros.

Desse modo, gerir o seu próprio capital humano pode torná-lo bem-sucedido através das escolhas que fez ou torná-lo um fracassado (*loser*), e isso é apenas e tão somente obra de escolhas individuais; o Estado nada tem a ver com isso, estando esse conceito no bojo da racionalidade neoliberal e da sua relação com ideias como a de meritocracia e de autorresponsabilização dos trabalhadores, principalmente quando pensamos em aplicativos como a *Uber*, que deu nome ao fenômeno (*uberização*), mas principalmente para o caso que nos interessa analisar no artigo: os trabalhadores de aplicativos de entrega de comida, como o *Uber Eats*, o *iFood* e o *Rappi*.

Partiremos de análises de discursos de trabalhadores entrevistados por veículos de mídia em São Paulo nas manifestações que ficaram conhecidas como *Breque dos Apps*. Nessas manifestações, um conjunto de trabalhadores se organizou para pedir melhores condições trabalhistas aos CEO desses aplicativos. Tiveram como líder e, por vezes, porta voz da categoria, o trabalhador Paulo Galo, ou somente Galo. É importante pontuar que o contexto das manifestações foi o ano de 2020, em meio à pandemia de COVID-19, que veio a reposicionar o lugar e a importância dos trabalhadores de aplicativos *delivery*, assim como aumentou o tempo de trabalho e as formas de exploração do corpo desses trabalhadores, que, por vezes, não podiam parar nem ao menos para fazer as três refeições diárias, enquanto paradoxalmente trabalhavam entregando comida.

É nesse contexto que o trabalhador Paulo Galo emerge para desnudar e se opor às discussões que alocam ele e os entregadores *delivery*, principalmente de comida, como empreendedores e empresários. Entretanto, antes de explorarmos a entrevista de Galo e a leitura que faz do seu próprio trabalho, é interessante perceber como a racionalidade neoliberal está entranhada em nossa sociedade e como o entrevistado leva em conta esse dado. A primeira pergunta lançada a Galo é: “É muito diferente o trabalho de motoboy e entregador de aplicativo?”.

Neste momento, Galo desnuda a relação de exploração que estes motoristas vivem, pois, de acordo com o líder:

Quando motoboy, você tem seu serviço específico. Não tem problema de espera, porque a coisa está ganha. Em determinado restaurante, vai trabalhar das 19h até a meia-noite e levar uns R\$ 120 reais ou mais, além da janta. [...] Nos aplicativos, você não ganha a alimentação nem a diária, só a taxa crua. Tinha dia em que eu passava 12 horas na rua para ganhar 60 conto (sic.). Você só ganha mais quando tem enchente. Nos dias em que está tudo alagado e as pessoas não querem trabalhar, eles pagam uns R\$ 5 a mais por entrega. Aí os entregadores saem correndo no meio da chuva para fazer mais dinheiro. (GALO, 2021)

É gritante a diferença entre um trabalhador que trabalha com entregas de apps e um motoboy em um restaurante. Primeiramente que o motoboy não precisa se desdobrar para

fazer tantas corridas e, geralmente, trabalha em um ou dois períodos. Já os entregadores de apps têm a possibilidade de “fazer o seu próprio horário”. Este discurso existe, mas a realidade é que precisam trabalhar duas vezes mais para conseguir nem a metade do que um motoboy ganha, sem ter nenhum suporte, tanto dos apps quanto dos restaurantes conveniados. Ainda precisam trabalhar sob condições insalubres, instigados pela tecnopolítica na forma de aumentos realizados pela plataforma, como por exemplo em dias de chuva e alagamento, colocando em risco seu corpo e a própria vida para poder sobreviver.

A questão seguinte diz respeito ao início da luta dentro desta categoria. Esta emerge em meio a outras reivindicações como o protesto em relação ao assassinato de George Floyd³ nos EUA e o Ato Antifascista no Largo da Batata. A imagem de Galo viraliza e é assim que este pode se colocar perante a sociedade e desnudar a realidade dos entregadores, sobretudo os das grandes capitais, como São Paulo. O entrevistador questiona Galo se a sua relação com os aplicativos mudou após o seu modo combativo de ser. Ao que Galo responde que:

Fiz esse primeiro vídeo de revolta porque fui injustamente bloqueado no *Uber Eats*. Depois saí na revista Exame e fui bloqueado “de forma branca” no *Rappi* e *iFood*. Bloqueio branco é não ser oficialmente bloqueado, mas você não recebe mais pedidos. Fica na rua o dia inteiro e não chega nada. No *iFood*, se você recusa mais de três pedidos, te bloqueiam de forma branca por algumas horas. E, se você faz greve ou se manifesta, te bloqueiam por meses ou até anos. Me procuraram para fazer uma reunião com o CEO do *iFood*, mas acabou não rolando. Seria de portas fechadas, e eu não queria dessa forma. Acabou surgindo a greve e, a partir disso, a coisa foi ampliando. (GALO, 2021, n.p.)

A partir da questão, Galo descreve as formas tecnopolíticas com que estes apps funcionam, ressaltando que ao ganhar notoriedade a partir de seu posicionamento crítico em relação às formas de trabalho, passou a não conseguir mais trabalhar tanto no *Uber Eats* quanto em outros aplicativos, como *iFood* e *Rappi*, dando ênfase, assim, ao sistema de bloqueio “de forma branca”, ou seja, o motorista fica o dia todo disponível para corrida e não consegue nada. Isto acontece, geralmente, com motoristas que negam mais de três (3) corridas seguidas e passam algumas horas neste sistema. Porém, em seu caso, isto fora utilizado como represália política pelas suas manifestações e reverberações na mídia.

Outro ponto importante diz respeito ao relato de funcionamento da tecnopolítica dos aplicativos, sobre o qual Galo diz:

[...] Os caras têm controle total, sabem onde você está e podem te mandar para onde quiserem. O aplicativo sabe quando você está voltando para casa desanimado. Se ele precisa que você não pare, quando está chegando, te manda fazer uma entrega de R\$ 20. Aí, mesmo cansado, você volta a trabalhar e estica até as três da manhã. Olha o nível de controle que eles têm. Dizem que você pode montar seu horário. Mas, se você decide ficar mais tempo brincando com sua filha e ele precisa de você, o aplicativo te paga um pouco mais por entrega. Aí você sai e deixa sua filha para trabalhar. Sem contar a coleta de dados. Sabem o seu perfil, como você trabalha, o que te irrita, o tipo de cliente que te dá notas baixas. Através desses dados, eles sabem por quanto tempo conseguem te explorar antes de você explodir. A pior corrente é aquela que parece não existir. Se você não vê, como vai lutar

³ Para um estudo mais aprofundado sobre o caso de Geoge Floyd, conferir Braga (2021).

contra? Se parece que é empreendedorismo, quem vai querer ser contrário?
(GALO, 2021, n.p.)

A partir desse trecho, podemos compreender como a maioria dos trabalhadores não conhece os meandros de seu trabalho e não percebe questões sutis, ainda que com o passar do tempo seja possível se dar conta delas, como aponta Galo. Dessa forma, os aplicativos tendem, num primeiro momento, a fazer o trabalhador acreditar que tem liberdade total de horários e que ele é seu próprio patrão (patroa). Infelizmente, pouco a pouco o (a) trabalhador(a) é “aculturado”, e quanto mais aculturado e docilizado ao sistema, mais os algoritmos vão fazendo pequenas e sutis modificações que penalizam o trabalhador, seja dando corridas de maior valor em horários que prevê que sejam momentos de folga, seja descontando tempo de uso do aplicativo, se esse para aos fins de semana, seja ainda como forma de punição e de exploração que se dá através de mecanismos biopolíticos e tecnopolíticos, funcionando por meio de toda sorte de algoritmos que já são capazes de prever nossos comportamentos e nosso dia a dia com exatidão (ZUBOFF, 2021).

Dito de outro modo, a uberização conseguiu atualizar e adaptar o que seria a ideia do capital humano para um capitalismo de vigilância, e com isso passou a lucrar duplamente com o trabalhador. Primeiramente, ao lucrar com o trabalho realizado pelo trabalhador, e em seguida, ao lucrar com a modulação de seus comportamentos e a captura de seus dados.

Para citar um exemplo, conforme já circula na mídia especializada, a empresa *Uber* está utilizando esses trabalhadores para mapear ruas, verificar como é a interação entre estes e os usuários, verificar quais são as reclamações mais recorrentes para, ao que tudo indica, futuramente substituir parte desses profissionais, que muitas vezes contam apenas com esse emprego, por carros automatizados. Dessa maneira, mesmo sem saber, as(os) motoristas trabalham numa espécie de processo de entropia de seus próprios empregos.

4 Considerações Finais

A partir do exposto no artigo, podemos compreender que esses profissionais submetidos à uberização são quicá mais explorados do que eram no passado em momentos como a Revolução Industrial, ou mesmo com o advento das praças de montagem fordistas, pois ainda que houvesse formas de controle biopolítico sobre seus corpos e formas de docilizá-los, em todos esses momentos, ao menos sabiam exatamente como funcionava o seu trabalho. Como alerta Zuboff (2019, 2021), cada vez mais as(os) trabalhadoras(es) são exploradas(as) por essas empresas de tecnologia sem nem sequer saberem como esses aplicativos, em que tem de logar todos os dias, funcionam. Por isso, devemos nos atentar a falas da autora de que hoje esses aplicativos sabem mais de nós mesmos do que supomos, havendo uma desigualdade epistêmica abissal, em termos desses saberes, entre essas empresas e os usuários. Diz isso em termos do quanto conhecem de cada um de nós e quanto cada um de nós compreende sobre as formas de funcionamento algorítmica dessas empresas.

Em suma, é possível dizer que no século XXI somos explorados por grandes empresas de tecnologias que atuam como os senhores feudais agiam na alta Idade Média, detendo as terras e permitindo que seus servos, numa relação de suserania e vassalagem, pudessem trabalhar nelas em alguns dias da semana para seu sustento e em outros dias em benefício do senhor. No entanto, hoje isso é um pouco mais complicado, pois em termos palpáveis, não há mais um espaço que de fato pertença aos aplicativos. Por isso, o mundo e os traçados virtuais criam uma nova fronteira a ser explorada e colonizada. De igual modo, não existe mais a ideia

do trabalho para o senhor e o trabalho para si, visto que com essas balizas dinamitadas, há espaço para que os trabalhadores se explorem à exaustão, acreditando que são empresários de si mesmos e que “fazem seus horários”, demonstrando uma vez mais como a racionalidade neoliberal não apenas continua viva, mas passa a explorar uma nova fronteira do poder.

Referências

- BRAGA, A. O que há de mais profundo no homem é a pele: uma estilística da (des) obediência no acontecimento George Floyd. In: **Fórum Linguístico**, v. 18, n. 2, p. 6273-6288, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e79065>. Acesso em: 07/05/2023.
- BROWN, W. **Nas Ruínas do Neoliberalismo**: a ascensão política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019a.
- BROWN, W. O Frankenstein do Neoliberalismo: liberdade autoritária nas “democracias” do século XXI IN: RAGO, M.; PELEGRINI, M. (Org). In: **Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas**: perspectivas foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019b.
- BRUNO, F; CARDOSO, B.; KANASHIRO, M et. al. **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DARDOT, P; GUÉGUEN, H; LAVAL, C.; SAUVÊTRE, P. **A Escolha da Guerra Civil**: uma outra história do neoliberalismo. São Paulo: Elefante, 2020.
- DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DARDOT, P; LAVAL, C. O ordoliberalismo entre política econômica e política da sociedade In: **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 85 – 101.
- DELEUZE, G. *Post-Scriptum*: sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FOUCAULT, M. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- GALO, Paulo. “O pedido vem e a gente nem sabe o que é. Aceita porque está desesperado para sobreviver”. [Entrevista concedida a] Leonardo Neiva. Revista Gama. São Paulo, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/onde-voce-trabalha/paulo-galo-uberizacao-do-trabalho-luta-entregadores-de-aplicativo/>. Acesso em: 07/05/2023.
- GREGOLIN, M. R. V. Discursos e Imagens do Corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S (org) In: **Análise de Discurso em Rede**: cultura e mídia. Campinas, São Paulo: Pontes 2015.
- GREGOLIN, M. R. V. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos & duelos. São Carlos: Claraluz, 2006.
- GREGOLIN, M. R. V. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades In: **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 1, n. 43, p. 06-25, 2016.
- LYNCH, C. Bolsonaro expõe autoritarismo de neoliberais e a nova “jornada de otários” de liberais. **Folha de S. Paulo**, Ilustríssima, São Paulo, ano 101, 20 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/03/bolsonaro-expoe-autoritarismo-de-neoliberais-e-nova-jornada-de-otarios-de-liberais.shtml>. Acesso em: 07/05/2023.
- NAVARRO, P. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **Revista Moara**, v. 01, n. 57, p. 8-33, ago.-dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.9682>. Acesso em: 07/05/2023.
- STIEGLER, B. **Il faut s’adapter**: sur un nouvel impératif politique. Paris: Gallimard, 2019.
- ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. São Paulo: Intrínseca, 2021.

ZUBOFF, S. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da Informação
In: BRUNO, F; CARDOSO, B.; KANASHIRO, M et al. (org) **Tecnopolíticas da vigilância:**
perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2019.

Recebido em: 10/05/23

Aceito em: 27/07/23